

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS NUMA PERSPECTIVA DECOLONIAL: REFLEXÕES SOBRE AS QUESTÕES AMBIENTAIS .

Cristiane Félix da Silva Souto ¹
Alessa Laianna de Souza Salvino²
Roberto Araújo Sá ³

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as discussões acerca da formação de professores de Ciências têm se intensificado diante dos desafios contemporâneos que envolvem questões ambientais, sociais e culturais. A crise ambiental, amplamente reconhecida pela comunidade científica e por organismos internacionais, transcende o campo ecológico e se manifesta como uma crise civilizatória, marcada por desigualdades sociais, exploração da natureza e hegemonia de um pensamento eurocêntrico que permeia a educação e as práticas pedagógicas.

Diante desse cenário, torna-se essencial repensar os processos formativos dos professores de Ciências, incorporando perspectivas críticas e decoloniais que permitam questionar os modelos de conhecimento dominantes e valorizar saberes plurais, sobretudo saberes tradicionais e indígenas. A educação científica, historicamente influenciada por paradigmas positivistas, privilegia a racionalidade técnica e a neutralidade do conhecimento, reduzindo as questões ambientais a aspectos biológicos e conservacionistas e desconsiderando suas dimensões políticas, culturais e econômicas. Assim, a formação docente precisa ser estruturada para promover uma compreensão ampliada e crítica do meio ambiente, reconhecendo as inter-relações entre sociedade, natureza e cultura.

A partir dessa perspectiva, o presente estudo buscou analisar as representações sociais de professores de Ciências do município de Palmares–PE acerca do meio ambiente e compreender como essas concepções influenciam suas práticas pedagógicas. O objetivo central da pesquisa foi analisar a formação de professores de Ciências sob uma perspectiva decolonial, refletindo sobre a relação entre suas concepções ambientais e

¹ Mestre em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Pernambuco, Cristianefelixfelix@hotmail.com;

² Especialista em Neuropsicopedagogia pelo Centro Universitário FACVEST-UNIFACVEST, alessa_laianna@hotmail.com;

³ Doutor em Química pela Universidade Federal de Pernambuco com Pós-Doutoramento em Biologia Molecular pela UFPE, roberto.asa@ufpe.br



suas práticas educativas. Entre os objetivos específicos, destacam-se: investigar as concepções e representações sociais dos professores sobre o meio ambiente; identificar de que maneira essas concepções se manifestam nas práticas pedagógicas; compreender como a perspectiva decolonial pode contribuir para ressignificar a educação ambiental; e propor caminhos formativos que valorizem saberes locais e promovam uma educação crítica e emancipatória.

Para fundamentar teoricamente a pesquisa, foram mobilizados conceitos da educação ambiental crítica e da decolonialidade. Reigota (2009) entende o meio ambiente como um espaço de relações que envolve dimensões naturais, sociais, culturais, econômicas e políticas, enquanto Loureiro (2012) enfatiza a necessidade de uma educação ambiental dialógica, baseada no pensamento freireano e orientada à emancipação dos sujeitos. Carvalho (2017) e Boff (2015) reforçam que a educação ambiental deve ir além da preservação de recursos naturais, incorporando valores éticos, críticos e solidários. Medina (2018) e Mendes e Azevedo (2021) acrescentam a dimensão da interculturalidade e da decolonialidade, defendendo a valorização de saberes populares, tradicionais e indígenas como formas legítimas de conhecimento ambiental.

No campo da decolonialidade, Quijano (2000) e Dussel (1993) evidenciam a colonialidade do poder e do saber, propondo a necessidade de reconhecer sujeitos historicamente marginalizados como produtores de conhecimento. Freire (1996) apresenta a pedagogia da autonomia como instrumento de libertação e consciência crítica, enquanto Boaventura de Sousa Santos (2010) propõe a ecologia de saberes, promovendo o diálogo entre conhecimentos científicos e saberes locais. Walsh (2009) destaca a interculturalidade crítica como forma de desconstruir epistemologias dominantes e reconstruir saberes a partir das experiências dos povos latino-americanos. Essa articulação entre educação ambiental crítica e decolonialidade orienta a análise do presente estudo, permitindo compreender como as concepções ambientais dos professores influenciam suas práticas pedagógicas e de que forma é possível construir uma formação docente capaz de promover educação crítica, ética e transformadora.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou abordagem qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, buscando compreender as representações sociais de professores de Ciências sobre o meio ambiente e suas implicações pedagógicas. O estudo foi realizado no município de



Palmares-PE, envolvendo docentes da rede pública de ensino que atuam no Ensino Fundamental anos finais.

A coleta de dados ocorreu entre março e julho de 2024, utilizando-se questionários semiestruturados e entrevistas individuais, abordando concepções de meio ambiente, práticas pedagógicas e desafios na abordagem do tema. A análise dos dados seguiu a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), estruturada em três etapas: pré-análise, categorização e interpretação, permitindo identificar categorias temáticas emergentes a partir dos discursos dos participantes.

Essa metodologia possibilitou compreender o significado das representações sociais dos docentes em seu contexto, enfatizando a complexidade das relações entre educação ambiental, decolonialidade e práticas pedagógico

REFERENCIAL TEÓRICO

A análise dos dados revelou que a maioria dos professores compreende o meio ambiente de forma restrita, associando-o principalmente à natureza e à preservação de recursos naturais. Essa concepção tende a limitar a educação ambiental a práticas pontuais ou datas comemorativas, evidenciando uma abordagem técnica e superficial.

Por outro lado, alguns docentes demonstraram preocupação em relacionar questões ambientais a contextos sociais, econômicos e culturais, indicando uma transição para uma perspectiva mais crítica. No entanto, percebe-se que a perspectiva decolonial ainda é pouco incorporada, e as práticas pedagógicas frequentemente reproduzem uma lógica eurocêntrica do conhecimento.

Ao considerar a ecologia de saberes proposta por Boaventura de Sousa Santos (2010) e a pedagogia crítica de Freire (1996), é possível repensar a formação docente a partir do diálogo entre diferentes epistemologias e do reconhecimento dos saberes locais. Essa abordagem permite ampliar a compreensão do meio ambiente, promovendo educação que valorize a diversidade cultural, desconstrua visões hegemônicas e fortaleça a construção de práticas pedagógicas contextualizadas e transformadoras.

Além disso, a análise evidenciou que a integração de saberes tradicionais e indígenas pode contribuir significativamente para a formação de sujeitos críticos e comprometidos com a justiça socioambiental. A perspectiva decolonial permite reconhecer que todo conhecimento é historicamente situado e culturalmente produzido, oferecendo bases para práticas educativas mais inclusivas e éticas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que, embora os professores de Ciências de Palmares–PE demonstrem sensibilização ambiental, suas práticas ainda refletem uma compreensão técnica e limitada do meio ambiente. A formação docente sob uma perspectiva decolonial revela-se essencial para promover uma educação crítica, ética e transformadora, capaz de articular justiça ambiental, social e epistêmica.

Fortalecer a prática docente nesse contexto significa reconhecer o papel da educação como prática libertadora, capaz de integrar defesa da natureza, valorização dos saberes locais e reflexão crítica sobre relações de poder e exploração ambiental. Essa abordagem contribui para a construção de um ensino de Ciências mais contextualizado, intercultural e comprometido com a sustentabilidade e a emancipação dos sujeitos.

Palavras-chave: Formação de professores; Meio ambiente, Decolonialidade, Educação crítica, Representação social.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2010.

BOFF, L. **Sustentabilidade: o que é – o que não é**. Petrópolis: Vozes, 2015.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2017.

DUSSEL, E. **Filosofia da libertação na América Latina**. São Paulo: Loyola, 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



LOUREIRO, C. F. B. **Educação ambiental: dialogando com Paulo Freire.** São Paulo: Cortez, 2012.

MEDINA, N. **Educação ambiental e interculturalidade: desafios e possibilidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MENDES, M.; AZEVEDO, R. **Educação ambiental decolonial: caminhos para uma ecologia plural.** Recife: UFPE, 2021.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** Buenos Aires: CLACSO, 2000.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 2009.

WALSH, C. **Interculturalidade, colonialidade e educação.** In: CANDAU, V. M. (org.). *Educação intercultural na América Latina.* Petrópolis: Vozes, 2009.

